

Prazeres inomináveis e desterritorializados: contrassexualidade

Beatriz Paul Preciado. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1, 2014, 223 pp.

Flávia Lucchesi

Pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e mestre em Política pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: flalucchesi@gmail.com.

Em abril de 2000, Beatriz Preciado publicou pela primeira vez seu *Manifeste Contra-sexuel*. Cerca de dois anos depois, o texto ganhou forma em espanhol e em 2014, assinado por Beatriz Paul Preciado, o *Manifesto Contrassexual* foi lançado no Brasil pela Editora n-1. O atraso na tradução em português é um possível indicativo do pouco interesse na chamada *Teoria queer* e em produções mais radicais que lidam com temas feministas e lgbt's por parte de pesquisadores e militantes brasileiros.

Preciado teve contato com os estudos pós-feministas e a *Teoria queer* na New School for Social Research, onde se tornou mestre em Filosofia Contemporânea e Teoria de Gênero, e ao frequentar o Clags (Centro de Estudos LGBTQ), em

Nova York. Foi uma das agitadoras dos estudos *queer* na França, no final dos anos 1990. No entanto, é difícil situar, comodamente, Preciado no interior dessa tradição de estudos pós-feministas e da *Teoria queer*. Antes de tudo, porque Preciado detona o binarismo pré/pós que conduz o pensamento a uma compreensão geracional, temporal e evolutiva. Mas também pelos questionamentos desconcertantes que lança em suas análises para além de lugares confortáveis, ainda que críticos e revestidos como *alternativos*.

Se desde a década de 1990, as pós-feministas sacodem concepções identitárias totalizantes de gênero e sexualidade, Preciado aparece para abolir o pensamento binário: homem/mulher, heterossexual/homossexual, masculino/feminino, natureza/

tecnologia. E não restringe o olhar às mulheres e à sexualidade feminina, dedicando-se também a desconstrução do homem e da masculinidade.

Como descreve a socióloga Marie-Hélène Bourcier, uma das mais destacadas pensadoras da *Teoria queer* francesa, no prefácio ao *Manifesto*, “o que Preciado faz com a filosofia se parece com o que o punk fez com a música” (p.9). Preciado não poupa ninguém. Todos os autores que o¹ acompanham pelas análises do *Manifesto Contrassexual* são questionados, na maioria das vezes, de maneira provocativa e bem humorada. Não faz de suas referências autores a serem seguidos, sacramentados,

¹ Preciado pensa o sistema sexo/gênero como um lugar de escritura, os corpos como textos. Contudo, adverte aqueles que reclamam “de sua torre de marfim” a utilização de e/ou antecedendo os pronomes, ou que pregam o fim das marcas de gênero nos substantivos e adjetivos: “reduzem a textualidade e a escritura a seus resíduos linguísticos, esquecendo as tecnologias de inscrição que as tornam possíveis” (p.27). Preciado alerta para a potência de se modificar a posição de enunciação, mostrando que a intenção de substituir ou criar uma marca neutra não vai além da vontade de designar um lugar possível de enunciação de “uma voz política imaculada” (idem). Ao longo desta resenha, alterno as referências gramaticais de gênero ora de modo a concordar com Beatriz, ora de modo a concordar com Paul.

e de seus conceitos, verdades inquestionáveis a serem aplicadas ou citadas por floreio ou pedantismo. De Michel Foucault, Preciado amplia as análises da tecnologia do corpo, segue as pistas apresentadas na *História da Sexualidade*, e persegue a produção de um prazer-saber a partir do corpo como lugar da luta de forças que tentam governá-lo, domesticá-lo, discipliná-lo, controlá-lo, e das resistências. Acompanhando os dispositivos da sexualidade, mostrados por Foucault, inscreve a contrassexualidade na genealogia das análises de Monique Wittig sobre a heterossexualidade como regime político. De Jacques Derrida, que a convidou a acompanhar seu seminário na L'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, Preciado lida com a noção de “suplemento”. Junto de Judith Butler e de Donna Haraway, avança nas considerações sobre as identidades performativas e o corpo ciborgue. De Deleuze, além das muito utilizadas noções de devir e linha de fuga, Preciado traz algo quase intocado pelos deleuzianos: a “homossexualidade molecular”, noção que atravessa a reflexão de um dos capítulos, “Da filosofia como modo superior de dar o cu”. O *Manifesto Contrassexual* encontra-se dividido

em quatro partes, além de conter dois textos em anexo.

A força, a agilidade, e o humor corrosivo da escrita de Preciado pretendem encontrar leitores abertos. E disponíveis a serem revirados por sua obra; que não se neguem a se voltar contra si mesmos em um âmbito de difícil ruptura, o das identidades sexuais. Só assim, o convite que Preciado faz a experimentação da contrassexualidade uma produtora de práticas sexuais desviantes. Esta é questão central: como produzir práticas sexuais que rompam com a sexualidade, com as identidades sexuais, com o saber médico-psiquiátrico-jurídico-mercadológico que produz a verdade sobre a sexualidade, o desejo e o prazer.

Mesmo sem citar a entrevista de Michel Foucault a Jean Le Bitoux, que consta na bibliografia do *Manifesto*, parece que essa conversa entre o filósofo e o ativista gay foi uma grande referência para as reflexões e inquietações de Preciado. Essa entrevista, de 1978, não incluída na série *Ditos e Escritos*, tendo suas primeiras publicações restritas a revistas de estudos gay, na Holanda e na França, no final dos anos 1980 e meados de 1990. “O saber gay” foi publicado pela primeira vez em

português neste ano, no décimo primeiro volume da revista *Ecopolítica*. Nesta conversa com Bitoux, Foucault anuncia algumas questões fundamentais para a elaboração do conceito de contrassexualidade. Preciado se encontra, como Foucault, na luta contra o dispositivo da sexualidade e segue atenta para o alerta do filósofo, já no final dos anos 1970 no rescaldo da liberação sexual, quanto às armadilhas de se lutar contra a sexualidade sem romper com os termos deste saber médico, biológico e naturalista.

Escrevendo cerca de vinte anos depois, no início do século XXI, quando se anunciava a inclusão dos direitos lgbt's como uma questão democrática, de Direitos Humanos e Universal – em 2001 os Países Baixos se tornaram os primeiros a legalizar o casamento gay –, Preciado atualiza a reflexão de Foucault naquela conversa com Bitoux. Agora, além da ciência, o mercado se insere na produção da verdade da sexualidade. Diante disso, Preciado politiza estas tecnologias, propõe outros usos, seja de produtos de sex shop ou a produção de uma pornografia com outras imagens eróticas que escapem dos enfoques das lentes do macho hetero e de seu fetichismo. Considerando estas

propostas de Preciado, é preciso ter cuidado para não cair em uma *alternativa* de mercado.

Talvez a atualização que Preciado faz do tema do prazer seja a mais instigante. Foucault procurou demarcar as diferenças entre desejo e prazer. Em linhas gerais, pode-se dizer que, para ele, o desejo foi capturado pelo discurso médico-psicológico, diferente do prazer que, ainda segundo Foucault, escapa às conotações da ciência, a “anormalidade”, a “patologia”, sendo algo indiscutível em si mesmo, um acontecimento. Foucault chamou atenção para a tolerância social do prazer, notando que o maior problema era a felicidade decorrente deste prazer. Na análise de Preciado, o prazer aparece como uma palavra também capturada, não pelo discurso científico, mas pelo mercado. Há uma produção de verdade sobre o prazer sexual que está além e aquém do sexo hetero e do sexo homo, localiza-se nos corpos e nos lugares originários do prazer: os órgãos que gozam. Daí a desterritorialização do prazer e o uso de próteses e outros orifícios não-naturais propostos no *Manifesto*.

Certamente, além do fato de estarem na luta em momentos

históricos diferentes, a percepção da sexualidade por uma mulher gay difere da de um homem gay.² No entanto, a empolgação com práticas sexuais desviantes também animava Foucault, “os usos do corpo serão aqueles que podemos definir como dessexuados, como desvirilizados, seja o *fist fucking* ou outras fabricações extraordinárias de prazer que os americanos atingem com o auxílio de certo número de drogas ou de instrumentos. (...) As intensidades do prazer estão ligadas ao fato de alguém se dessujeitar, deixar de ser um sujeito, uma identidade. É algo como uma afirmação da não-identidade.”³

É isto que a contrassexualidade persegue. São os espaços errôneos, as falhas do sistema sexo/gênero heterocentrado, como os corpos intersexuais, e Preciado aponta

² Tanto Preciado quanto Foucault recusaram a identidade gay, contudo foram atravessados pelo discurso da (homo)sexualidade, foram identificados como o outro gay, experimentaram os guetos gays e os jogos dessa sexualidade. É aí que se localiza o grande alerta de Foucault quanto às armadilhas da luta contra a sexualidade, e é aí também onde se localiza o grande esforço de Preciado.

³ Michel Foucault. “O saber gay” in *Revista Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, vol.11, 2015, pp.18-22.

possibilidades de “deriva radical” como o uso de dildos, a erotização do ânus e as relações S&M (sadomasoquistas), estas últimas que também interessaram nas análises de Foucault.

Preciado é bastante generoso ao apresentar em sua obra as perguntas que se indagou durante a pesquisa. “Quem não tem cu?”, essa pergunta simples bombardeia a noção de identidade de gênero/sexo pautada pelo reconhecimento visual dos chamados órgãos sexuais, bem como a motivação sexual reprodutiva ou a que concebe o prazer somente na ereção e ejaculação masculina e no orgasmo feminino. Preciado, ao afirmar a universalidade do cu, sugere que dar o cu não deve ser uma posição sexual polêmica e fetichista no sexo heterossexual ou sodomia entre homens. Ao dizer que todos têm e devem dar o cu, Preciado retira essa prática do lugar identitário das práticas sexuais de homens e mulheres heteros e de homens e mulheres gays.

O estudo das práticas sadomasoquistas a instiga a pensar no estabelecimento dos papéis de submissão e dominação em seu aspecto mais geral, “tornam evidentes as estruturas eróticas de

poder subjacentes ao contrato que a heterossexualidade impôs como natural” (p.32), sinalizando para a necessidade da ruptura com esse contrato, e não apenas as possibilidades de inversão dos papéis abertas, por exemplo, pelas práticas sadomasoquistas. Preciado destaca algumas práticas S&M como o *fist-fucking* (penetração com o punho), desenvolvida no gueto gay da década de 1970, e a utilização prazerosa de tecnologias de tortura do final do século XVIII e meados do XIX para coibir a masturbação.

Ao traçar uma possível genealogia do orgasmo feminino, Preciado mostra que o que se concebe hoje como o prazer sexual feminino e o orgasmo remete às técnicas de repressão da masturbação e às técnicas de cura da histeria que produziam “crises histéricas”. O prazer sexual atingido com a masturbação, bem como uma diagnosticada frigidez em relação ao coito heterossexual, caracterizavam desvios sexuais, loucura e tendência ao “lesbianismo”, também compreendido como uma doença. Foi neste período que se desenvolveu, no interior das instituições médicas, o vibrador. Preciado não perde de vista as transformações no discurso da sexualidade e, após o século XX, suas conexões com o mercado.

Preciado descreve outras práticas desviantes, mais artísticas do que sexuais, como performances de Ron Athey, Del LaGrace, Diane Torr e Annie Sprinkle, e a *body art*, e inventa práticas que descentralizam e desterritorializam o prazer sexual como “masturbar um braço” e “fazer um dildo-cabeça gozar”, e o que significa desenhar dildos nestas partes do corpo que são masturbados e gozam. Um orgasmo *fake*? Fingir um orgasmo? Assim, ele questiona a verdade sobre o prazer sexual, sobre o que nomeia e delimita quantitativa e qualitativamente o prazer.

Thanks god(e)!⁴ O dildo aparece em quase todos os capítulos do *Manifesto*. “Objeto maldito”, assombrado pela falta, o dildo é tido comumente como uma representação plástica do pênis, como um “consolo” (nome popular do objeto em língua portuguesa) que intenta suprir a ausência da penetração peniana no sexo entre mulheres e na masturbação feminina – ignorando que o dildo pode ser usado também por homens, até mesmo no interior do plural mercado do sexo esses produtos são destinados ao público consumidor feminino. Comumente,

⁴ Essa frase, lida sem o “e” significa “graças a deus”, e acrescida do “e” se transforma em “graças ao dildo (gode)”.

entende-se esse brinquedo sexual como se ele fosse a explicitação das inquisições sobre “como as lésbicas transam”. No entanto, o dildo também é relegado ao complemento da falta por lésbicas feministas radicais, que o vem como um símbolo fálico.

Preciado recorre às considerações de Lacan sobre a diferença entre o pênis e o falo, e as de Judith Butler, que analisa o falo como o ideal do pênis, também a partir de Lacan e da “inveja do pênis” freudiana, para mostrar que o dildo não é um “consolo”, uma representação do pênis para o preenchimento de um vazio.

O dildo é um estrangeiro durante o sexo que dinamita o encontro entre dois órgãos sexuais reprodutivos como o lugar originário do prazer sexual. Argumenta que no interior do sistema sexo/gênero o que prova o prazer sexual é o orgasmo, compreendido como o ápice do estímulo dos órgãos sexuais masculino e feminino que gozam. Como uma prótese, o dildo não precisa ser colocado como extensão plástica de uma região específica, a pélvica. Não há uma forma natural de utilizá-lo, assim como inexistente um orifício naturalmente reservado a ele. Ele pode ser considerado uma paródia da heterossexualidade e seu arbitrário

sistema homem/mulher, ativo/passivo, também reproduzido nas relações gays e lésbicas heteronormatizadas. A questão para Preciado é menos a forma fálica do objeto, que poderia, por exemplo, ser substituído por produtos naturais como frutas e legumes. O que o interessa em relação ao dildo é a possibilidade de produzir um pênis como prótese. Assim como próteses de mãos, ele não precisa ser uma cópia mimética do que se conhece como uma mão ou um pênis normais, sendo produzido e ajustável às vontades ou necessidades do usuário. Assim, ele não seria uma confirmação da inveja do pênis, ou de uma sexualidade falocentrista. Trata-se da inserção de próteses que buscam produzir outras experiências sexuais, cindindo com o que se entende como o natural e o artificial de um corpo. O suplemento altera o corpo, altera a experiência, seja temporariamente com o uso de dildos e outros produtos, seja de maior permanência como o uso de hormônios e as intervenções cirúrgicas.

A contrassexualidade declara o fim da Natureza e da naturalização da sujeição de certos corpos. Atenta aos efeitos políticos daquilo que é postulado como natural, Preciado ataca o contrato social “heterocentrado”,

que abarca também gays que afirmam a naturalização da (homo)sexualidade como orientação sexual. Preciado analisa o sexo como uma “tecnologia de dominação heterossocial” que reduz e identifica os corpos a partir do recorte de zonas erógenas, circunscritas aos órgãos reprodutivos externos, e das reações anatômicas nelas ou por elas produzidas. Partindo desses órgãos recortados, produz-se a diferença sexual, a feminilidade e a masculinidade dos corpos. Determinam-se práticas e papéis sexuais que inscrevem regulações nesses corpos e asseguram a exploração e a dominação de determinados corpos sobre outros.

Neste sentido, o bebê intersexo arrebenta a fronteira, está para além da diferença e aquém da identidade. Diante de um sistema sexo/gênero, fundamentado no pensamento binário, a existência de um corpo possuidor de dois sexos, por vezes irreconhecíveis pelo olhar, é ameaçadora. Preciado mostra as técnicas violentas e arbitrárias, escolhidas pelos *donos* da criança intersexo – seus pais, os médicos e o Estado – ao determinarem qual será o seu verdadeiro sexo e submeterem seus pequenos corpos a inúmeras cirurgias e medicalizações.

Preciado propõe um “contrato

contrassexual”, consensual e temporal, a ser assinado por “corpos falantes”, equivalentes (e não iguais), que compõe uma “sociedade contrassexual”. Leitores sérios demais se arvoram com cópias físicas e postagens virtuais do contrato contrassexual. Tanta seriedade perde o humor ácido que habita a obra, que deixa claro se inscrever no presente e “não fala[r] de um mundo por vir” (p.24). Talvez, deixando um pouco de lado suas vontades liberais, estes leitores levem ao pé da letra também frases como “Os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual” (p.32).

O que Preciado escreve como um contrato contrassexual rompe com a ficção postulada como necessária para o convívio social e a segurança da propriedade, desde os contratualistas dos séculos XVII e XVIII. O primeiro, dentre os 13 artigos que antecedem o contrato contrassexual, demanda que se apaguem as denominações “masculino” e “feminino”, correspondentes às ditas categorias naturais, e que se encontram fixadas nas carteiras de identidade, formulários administrativos e de controle estatal. Mais adiante, Preciado demanda abolições: do contrato matrimonial e de todos os seus correlatos como de

união estável e os Pacs franceses: “nenhum contrato sexual poderá ter o Estado como testemunha” (p.36); dos privilégios derivados da condição feminina ou masculina; e dos sistemas de transmissão e legado de patrimônios e bens adquiridos por uma ou todas as partes contratantes. Acabar com o matrimônio é acabar com a família e com o Estado. Contudo, esta questão parece estar para além dos contratos e jurisdições, pois não casar, perante à religião e ao Estado, não exime ninguém de viver como uma família, não ter uma conduta de casal, e tampouco aniquilar o Estado que lhe governa. Mas, tendo em vista o momento em que Preciado escreveu e o atual estado do movimento lgbt, essas linhas são de uma contundência salutar.

Sua contrassexualidade demanda a abolição da família e “a subversão da normalização sexual, qualitativa (hetero) e quantitativa (dois)” (p.41), e a produção de imagens e textos contrassexuais e contrapornográficos, lembrando a pospornografia – tema de interesse de Preciado que, em 2008, organizou o congresso Feminismopornopunk, em Donostia, Espanha. Na década de 1980, putas, atrizes pornô, lésbicas e feministas contrárias

aos movimentos de reivindicação por direitos, apropriaram-se das tecnologias utilizadas pelo mercado da pornografia para produzir outras imagens eróticas de corpos *menores*, reiterados e vendidos pelo mercado através do enfoque do macho hetero. Inventaram a pospornografia, hoje revigorada por *queers*, mulheres, trans, intersexos, corpos disformes e incapacitados.

No âmbito da mudança de sexo, aparta-se das políticas psiquiátricas, médicas e jurídicas, e se distancia das reivindicações dos movimentos lgbt's. A contrassexualidade se faz contrária ao governo das práticas transexuais por meio das instituições públicas e privadas pautadas pela heteronormatividade estatal que determina o que é anatômica e politicamente feminino e masculino; “não há razão política que justifique que o Estado deva garantir uma mudança de sexo, visto que esta seria equivalente a uma cirurgia estética de nariz, por exemplo” (p.39). Ainda sobre trans, no terceiro capítulo, “A industrialização dos sexos ou *Money makes sex*”, Preciado analisa as técnicas das cirurgias de faloplastia e vaginoplastia, localizando o foco dos investimentos nas cirurgias de “invaginar” o pênis e as alegadas

dificuldades de fazer um pênis “de fato” a partir de uma vagina.

Em outros artigos que antecedem o contrato contrassexual, Preciado situa a contrassexualidade apartada e contrária aos controles e definições do Estado e das instituições médicas e farmacêuticas, invariavelmente, heteronormativas. Considera que o Estado, bem como o mercado farmacêutico, não pode possuir e determinar o acesso ou a restrição aos hormônios sexuais, descritos por ele como “drogas político-sociais”. Em *Testo Junkie: Sex, Drugs and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era*, segundo livro de Preciado, sem tradução para o português, ela relata sua experiência de autoaplicação de testosterona sem qualquer prescrição ou acompanhamento médico e jurídico. As obras de Preciado inscrevem-se em seu corpo e em suas experimentações. Mais do que militância, como alguns costumam classificar, Preciado é e se transforma na escrita de suas obras. Ela pretende politizar essas tecnologias, dando-lhes outros usos, mas o que chama atenção é que o faz apartada de um discurso trans, do saber médico-psiquiátrico, e de garantias legais. Não se afasta do mercado, pois para se conseguir essas drogas sem receita é preciso

recorrer ao que se configura como tráfico, ou ao uso de medicamentos disponíveis nas farmácias, ainda que para outras finalidades que não a mudança de sexo, mas que cedo ou tarde provoca novas regulamentações no mercado.

No final do livro, cujos capítulos não seguem um único fio condutor, há dois anexos: uma breve história do dildo e “Prótese, mon amour”, um texto sobre as *sapas butch* publicado na França, em 2001, à parte do *Manifesto*. Talvez neste momento, a análise empolgada de Preciado sobre a *butch* (caminhoneira) deixe escapar alguns deslizes, como a reprodução de uma conduta machista para além das relações sexuais.

Também é possível questionar o porquê de Preciado falar em contrato, porque insistir nessa palavra? Ao falar em contrato, mesmo que com tanto humor e estabelecendo “artigos” que rompem com o Estado, jurisdições e toda a ficção contratualista, por vezes, é provável que um leitor mais liberal ou desatento a entenda ao pé da letra. Preciado ressalva se tratar de um contrato contrassexual temporal e consensual, mas o livre querer não é impreterível para que role uma transa entre “corpos falantes” interessados no prazer descomedido,

descentralizado e desterritorializado? Para isso, não é necessário contrato, papel, assinatura, testemunha, nem mesmo palavra.

Estaria Preciado insinuando o contrato sinalagmático e comutativo do anarquista Proudhon, rompendo com sua universalidade para ganhar imanência na relação entre os envolvidos? Isso não sabemos. Mas seria interessante que Preciado, ou quem com essas sugestivas análises compõe, retomar os anarquistas para remover, também com humor, não só a noção de contrato, mas ao mesmo tempo apartar-se da equivocada e moralizante compreensão de Proudhon acerca da *pornocracia*.

Para além dessas questões possíveis, o *Manifesto Contrassexual* não dá sossego a ninguém: Foucault, Deleuze, Derrida, Butler, Wittig, Haraway, lésbicas feministas radicais, feministas separatistas, feministas e lgbt’s liberais, movimentos minoritários que pedem ajuda para o Estado, lgbt’s heteronormatizados, etc. A contrassexualidade se volta contra as instituições médicas e psiquiátricas, o mercado farmacêutico, o Homem, a Mulher, o masculino, o feminino, a Natureza, o Estado, o sexo e prazer fixados, centralizados, governados; enfim, o sistema sexo/

gênero heterocentrado. Quer produzir desvios, resistências, linhas de fuga. Eis o interesse dessa incômoda obra.

Então se é avessa a essas instituições, porque Preciado não renomeou seu manifesto de *antissexual*? Talvez por ter de necessariamente deixar de vê-lo como *manifesto* e também por enfrentar as relações de contrapoder, que não necessariamente escapam das novas normatividades nas relações de poder, pois nem todo contrapoder é também sinônimo de antipoder e de relações livres de normatividades, afinal se há algo ingovernável é o sexo.

Preciado tem grande apreço às palavras. A tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro em português foi revista e aumentada por ele, sobressaindo o cuidado com as palavras e seus significados. Se lembrarmos da primeira edição de seu Manifesto, em francês, intitulado *Contra-sexuale*, podemos pensar num jogo de palavras cuja fonética se assemelha contra(ct)uel-contra-(sex)uale. Jogo de palavras que se mantém em espanhol e em português, contra(ct)ual-contra-(sex)ual, contra(t)ual-contra(ss)exual. Uma vez que Preciado constata que o contrato social é um contrato heterocentrado, as verdades que fundamentam o

sistema sexo/gênero também compõe a verdade contratual. Ela mostra que a divisão arbitrária masculino/feminino, homem/mulher é ficcional. Mesmo recoberta de cientificidade, tem por base o que se identifica, visualmente, como pênis e vagina. Uma criança intersexo na qual falte o cromossomo Y será reconstruída cirurgicamente como mulher. Todo este saber médico é pautado pela falta do pênis e pela ideia de falo. A criança intersexo pode possuir um clitopênis (um órgão que se assemelha ao clitóris, mas que pode ser transformado em um pênis), um micropênis (um órgão identificado como um pequeno pênis bem formado), um microfalo (um órgão que se assemelha a um pênis malformado), ou um pênis-clitóris (um órgão que se assemelha a um grande clitóris e não deve ser confundido com um pênis).

Seu contrato contrassexual debocha do contrato social liberal, aparta-se do Estado, do direito e da propriedade, e possivelmente, pode-se supor que persegue, sem declarar, as pistas e os escritos dos anarquistas desde o século XIX que explicitaram a ficção contratual universal. Preciado introduz na verdade contratual um novo elemento fictício: sexo/gênero. As práticas sexuais desviantes

apresentadas e inventadas por ela podem produzir mais do que “práticas subversivas de identidade sexual”, sinalizando para o que pode ser pensado como *antissexualidade* e, obviamente, sem jamais se deixar confundir com assexualidade. Preciado se interessa pelo prazer, por um prazer inominável, indetectável, que não tem lugar de origem ou requeira um manual de “como chegar lá”. E o prazer não está relacionado a Estado, espaço universalizador de limites, a não ser que se defina o prazer relacionado à legitimidade de uma nova forma de conduta individual. Neste restrito espaço de prazer, a racionalidade neoliberal sabe conjugar, como nunca outra, direitos e capital humano. Desse modo, um prazer pessoal pode existir independentemente de presença de Estado, assim como, novos prazeres dependerão de um Estado cada vez mais à esquerda quanto ao governo das condutas. Tudo pode ser possível desde que produtivo e resiliente.

Por romper com o binarismo homem/mulher, que fundamenta as verdades inquestionáveis do sistema sexo/gênero, Preciado não concebe uma única dominação homem/mulher, ao mostrar, como vimos, que sobre os corpos de crianças intersexuais

é possível que as autoridades optem por produzi-lo como um corpo feminino. A questão não é o falocentrismo, apenas, mas todas as verdades produzidas a partir da anatomia do que se identifica como feminino e como masculino. Não se trata somente do pênis e do ideal falo, mas também daquilo que se nomeia imprecisamente de vagina (orifício do canal genital do órgão sexual feminino).

Preciado vai além das feministas e não incorre nos equívocos lgbt's de achar que o lesbianismo, a bissexualidade, a homossexualidade ou a transsexualidade são resistências hoje. Ser gay na atual democracia neoliberal não é uma resistência. São identidades sexuais identificadas, governadas, (hetero)normalizadas; cidadãos que têm seus direitos e cumprem com seus deveres. Lutam pelo direito ao contrato matrimonial, ou de união estável, e querem seus privilégios de transmissão e legado de bens, com suas pensões e heranças.

Mesmo não havendo referência aos anarquistas em seu *Manifesto*, Preciado propicia leituras e questionamentos libertários. A contrassexualidade é exterior e contrária ao Estado, ao Direito, à Ciência, ao mercado. Indo para além de muitos anarquistas, de

outrora e da atualidade, Preciado se aproxima dos escritos de alguns individualistas como Émile Armand, Han Ryner e Emma Goldman, ao se voltar contra as relações pactuadas na propriedade de um sobre o outro. Traz frescor para as relações amorosas libertárias e problemas para os partidários de acordos de poliamor ou das permissivas liberais dos relacionamentos abertos. Surpreende que ela não tenha dado atenção em suas análises às práticas libertárias. A não ser que, como ressentidas feministas, veja as análises anarquistas restritas ao falocentrismo de Proudhon. Daí decorre a pergunta incômoda, mas sempre necessária: por que chamar isso tudo de *manifesto*? Nostalgia de século XIX, ou crença em formalização de consciência?

O *Manifesto Contrassexual* fala em uma filosofia *queer*, “é viajar guiada só por uma cartografia invisível e, na ausência de solução no horizonte, inventar o Arquivo” (p.214). É o primeiro arquivo *queer* publicado por Preciado e convida qualquer um, qualquer “corpo falante” disposto e disponível, a revirar-se e romper com suas identidades, inclusive as mais reconfortantes e naturalizadas. Sua obra pode impactar um leitor *comum*; fazer leitores insuportáveis

avancarem rumo a novas práticas e transformações; instigar outras viagens guiadas pela cartografia invisível de existências estranhas. A contrassexualidade, apresentada nesta obra, pode produzir desterritorializações do sexo, do prazer e de qualquer “corpo falante” que se arrisque, de mente e peito abertos, por essas páginas explosivas. E isso é mais do que saudável. Porém, quais modos de resistências se abrem? Sabe-se que diversas condutas hoje aceitas nas relações sexuais não foram conquistadas sem dor, combate, exposição e provocação de desassossegos. É preciso ter cuidado para que a ruptura com a heteronormatividade não se coadune com as práticas de *normalização* do normal. Afinal, o monstro de ontem hoje está bem aninhado e normalizado no seio de sua honrada família. Diante do tudo pode ser *normal* resta saber como esses novos *sujeitos* ou *seres* fazem e farão em favor de novas formas de liberdades libertárias, ultrapassando as fronteiras colonizadas pela ciência, o direito, o mercado e o Estado. Resta saber como darão forma, a um dessujeitamento que goze anarquicamente e livre de sexualidades.